

CRISTINA LACLETTE PORTO
CAROLINA TERRA
NATHERCIA LACERDA

PRIMEIRA INFÂNCIA E AÇÃO
COMUNITÁRIA NA ROCINHA:
JOVENS (RE)DESCOBRINDO AS INFÂNCIAS

Ficha técnica

REALIZAÇÃO

Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância - CIESPI/PUC-Rio
www.ciespi.org.br

Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Coordenação internacional:
Kay Tisdall (Universidade de Edimburgo)

Coordenação nacional:
Irene Rizzini

Coordenação executiva:
Maria Cristina Bó

Consultoria:
Internacional: Malcolm Bush
Nacional: Cristina Laclette Porto
Comunitária: Antônio Carlos Firmino

Pesquisa:
Renata Brasil
Carolina Terra
Eliane Gomes
Leandro Castro
Nathercia Lacerda

Assistentes de pesquisa:
Mônica Regina de Almeida Figueiredo
Everaldo de Toledo

Bolsista:
Camilly Gomes (PIBIC/CNPq/DSS -PUC-Rio)

Jovens participantes:
Francisca Amanda de Souza Pontes
Elaine Ribeiro da Silva
Gabriel Henrique Gonçalves Silva
Nicolas da Silva Cabral
Sophia Caliman Ramos
Yasmim Souza da Silva

PUBLICAÇÃO

Redação:
Cristina Laclette Porto
Carolina Terra
Nathercia Lacerda

Revisão:
Renata Brasil
Irene Rizzini

Design:
Carolina Terra

O CIESPI/PUC-Rio
O Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI é um centro de estudos e de referência associado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas sociais para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos.

O PROJETO
Essa publicação é um dos produtos do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva, que visa estimular a educação das crianças de 0-5 anos de idade com base nos princípios de inclusão, participação e segurança. Em âmbito internacional, o projeto é coordenado pelo Departamento de Educação da Universidade de Edimburgo (Escócia) e, no Brasil, pela professora Irene Rizzini, em parceria com pesquisadores de quatro países: Brasil (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/CIESPI), África do Sul (Universidade da Cidade do Cabo), Essuatíni (Universidade de Essuatíni) e Palestina (Universidade de Bethlehem). Desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido (ES/ T004002/1).

Primeira Infância e ação comunitária na Rocinha: jovens (re)descobrimo as infâncias.
Cristina Laclette Porto; Carolina Terra; Nathercia Lacerda– 1a. ed. – Rio de Janeiro:
CIESPI, 2021. 40p. il. 20cm.

ISBN: 978-65-87410-12-8

1. Crianças e adolescentes 2. Jovens 3. Educação 4. Formação I. Porto, Cristina
Laclette. II. Terra, Carolina. III. Lacerda, Nathercia. IV. Título.

CDD: 300

Primeira Infância e ação comunitária na Rocinha: jovens (re)descobrendo as infâncias.

Cristina Laclette Porto, Carolina Terra e Nathercia Lacerda

1ª edição (junho, 2022), Rio de Janeiro – RJ
CIESPI

Sumário

Apresentação.....	5
Seleção e formação dos jovens.....	6
Processo de formação.....	6
De que infância(s) e crianças estamos falando?.....	11
Educação e arte.....	15
Diversas leituras.....	19
Processos de observação participativa e de criação.....	21
Encontros brincantes.....	24
Da minha janela... uma goiabeira.....	27
Campanha de vacinação.....	32
Desdobramentos.....	33
Recomeços.....	37
Sínteses.....	39
Notas.....	40

Apresentação

“É do cotidiano que brota a magia, a brincadeira que vai transformando uma coisa em outra... Abra os olhos e apure os ouvidos. É só prestar atenção. Ao pintor que, do alto da escada, com seu gorro de jornal, vai colorir as paredes da casa, ao padeiro que hoje se inspirou e fez pães em forma de dragão e tartaruga (não passe indiferente pela vitrine). Você testemunha grandes e pequenos episódios que estão acontecendo à sua volta. Um dia será chamado a contar também. Então verá que o tecido das vidas mais comuns é atravessado por um fio dourado: esse fio é a história” (Ecléa Bosi).

As crianças pequenas estão em volta dos adultos, observando, brincando, fazendo descobertas, mas nem sempre são vistas com a atenção que merecem e precisam. Muitos adultos já esqueceram que foram bebês um dia, e que tiveram que tentar se expressar de outras maneiras antes de aprenderem a falar. Uma questão que não pode deixar de ser levantada é: Como sensibilizar jovens e adultos a não perderem essa conexão consigo mesmos e com as crianças que os rodeiam?

É deste desafio que trata o projeto “Primeira Infância Participativa e Inclusiva”, coordenado em âmbito internacional, pelo Departamento de Educação da Universidade de Edimburgo (Escócia) e, no Brasil, pela professora Irene Rizzini, em parceria com pesquisadores de quatro países: Brasil (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/CIESPI), África do Sul (Universidade da Cidade do Cabo), Essuatíni (Universidade de Essuatíni) e Palestina (Universidade de Bethlehem).

No Rio de Janeiro, está sendo realizado pela equipe do CIESPI/PUC-Rio, na comunidade da Rocinha, desde 2020, e tem como objetivo contribuir para os debates, políticas e ações relacionados ao tema, buscando ampliar as oportunidades de educação de crianças na Primeira Infância em contextos de alta vulnerabilidade. Os conceitos centrais são “educação inclusiva”, que significa incluir todas as crianças em áreas-chave da vida educacional e social, e “educação participativa”, que reconhece a importância da participação na educação, na saúde e no planejamento urbano, como um direito das crianças, dos pais e da comunidade.

Considerando esses elementos, o CIESPI/PUC-Rio vem buscando propor e construir ações concretas em parceria com moradores locais, de forma a beneficiar as crianças de 0 a 5 anos e suas famílias. Pelo menos duas estratégias foram pensadas com esse intuito: a criação de um conselho consultivo composto por moradores da comunidade e um curso de formação para jovens da Rocinha sobre a área da infância, foco desta publicação.

Para sua concretização, os membros da equipe do CIESPI/PUC-Rio, Antônio Carlos Firmino e Leandro Castro, em visitas a instituições que atendem crianças na primeira infância, buscaram indicações de potenciais participantes.

As direções das instituições Ação Social Padre Anchieta (ASPA) e Escolinha Saci Sabe Tudo abriram seus espaços para abrigarem as práticas dos jovens, envolvendo interações e brincadeiras.

Seleção e formação dos jovens

Indicados por instituições e pessoas parceiras do CIESPI/PUC-Rio, em outras ações ou projetos, 9 jovens com idades entre 16 e 24 anos, moradores de diferentes áreas da Rocinha, se candidataram. Desses nove, foram selecionados seis: Sophia, Elaine, Nicolas, Yasmim, Amanda e Gabriel. O grupo de jovens escolhidos tem um perfil heterogêneo: com e sem experiência profissional e voluntários em trabalhos com crianças, em creches ou Organizações Não Governamentais (ONGs). Sophia (16 anos) e Elaine (17 anos) estão concluindo o Ensino Médio; Amanda (22 anos) faz faculdade online de Medicina, pela universidade de Rosário, na Argentina, ao mesmo tempo que leciona espanhol para crianças em uma escola de idiomas na Rocinha; Nicolas (18 anos) e Yasmim (19 anos) concluíram o Curso Normal de Formação de Professores, e Gabriel, o mais velho, (24 anos), é fundador, coordenador e educador da Associação RefRocinha, projeto social de esporte, cultura e educação.

Com a intenção de proporcionar um processo de formação aliado à pesquisa, foi definido um encontro semanal com as professoras-pesquisadoras Cristina Laclette Porto e Nathercia Lacerda, responsáveis pelos conteúdos que embasam as inúmeras práticas possíveis. Para completar essa frente, Carolina Terra, pesquisadora, ficou com a importante tarefa de anotar e compilar as reflexões que emergissem sobre os temas abordados.

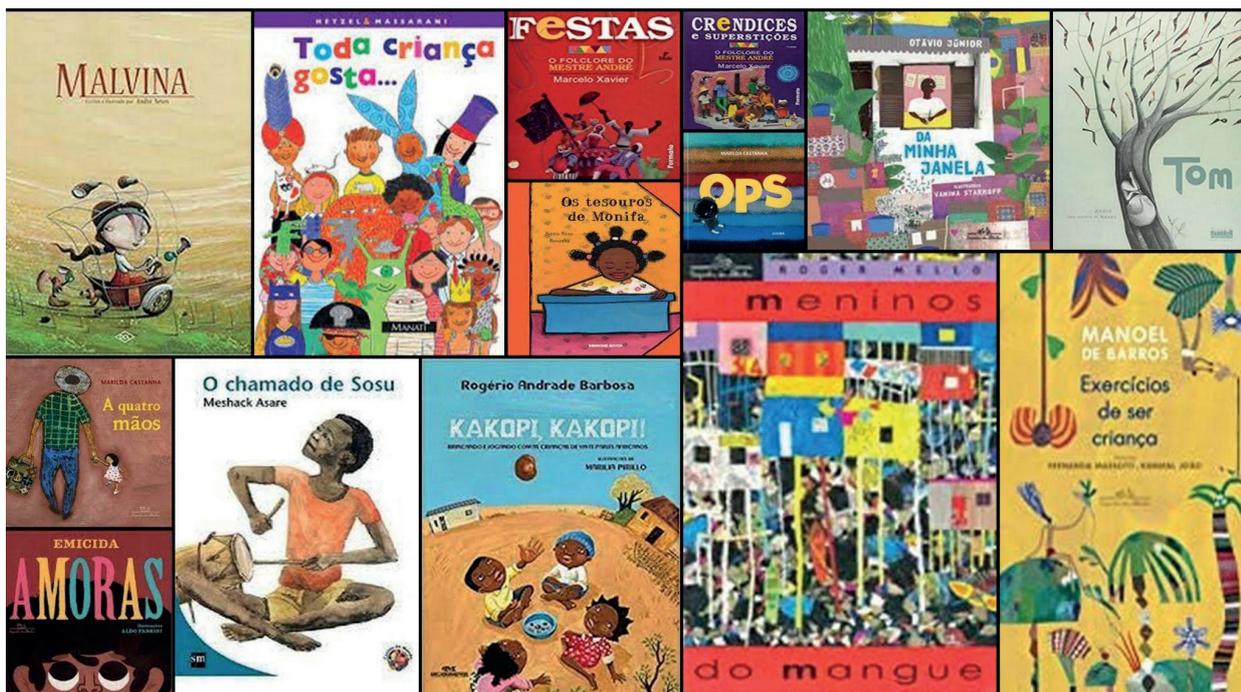
Os encontros, às segundas-feiras, de 15h às 17h, foram organizados como um lócus para abordar as infâncias – dos jovens, das crianças com quem convivem, das crianças que moram pelas áreas onde habitam e por onde circulam. E também para pensar coletivamente como dar visibilidade às questões que interessam ser expandidas na comunidade, como educação, saúde, saneamento básico, segurança e moradia. Para viabilizar a participação jovem, foi estabelecida uma bolsa de estudo mensal para cada um.

Processo de formação

Para disparar um processo de ativação dos sentidos e alcançar as sutilezas faz-se necessário olhar com detalhamento e apurar a escuta para ir além das palavras e dos balbucios que se mesclam aos gestos das crianças pequenas. Seria necessário romper estereótipos aos quais todos estão acostumados e permitir a construção de um olhar sensível e pensante.

Para tanto, alguns materiais de apoio foram disponibilizados para cada jovem com a intenção de ampliar seus contatos com as manifestações infantis e com suas próprias formas de expressão. Com o apoio de Cristina Bó (coordenadora executiva do CIESPI/PUC-Rio), foram adquiridos 6 kits para cada um, contendo: itens de papelaria como caderno, canetas, lápis, tinta, pincel e massa de modelar e dois livros infantis da seguinte seleção:

Tom, de André Neves (Editora Projeto); Meninos do mangue, de Roger Mello (Editora Cia das Letras); Exercícios de ser criança, de Manoel de Barros (Editora Salamandra); A menina transparente, de Elisa Lucinda (Editora Salamandra); Da minha janela, de Otavio Junior (Editora Cia das Letrinhas); O folclore do mestre André, de Marcelo Xavier (Editora Formato); Malvina, de André Neves (Editora DCL - Difusão Cultural do Livro); Ops, de Marilda Castanha (Editora Jujuba); O chamado de Sosu, de Meshack Asare (Editora SM); A quatro mãos, de Marilda Castanha (Editora Cia das Letrinhas); Meu crespó é de rainha, de bell hooks (Editora Boitatá); Kakopi, Kakopi, de Rogério Andrade Barbosa (Editora Melhoramentos) e Amoras, de Emicida (Editora Cia das Letrinhas).



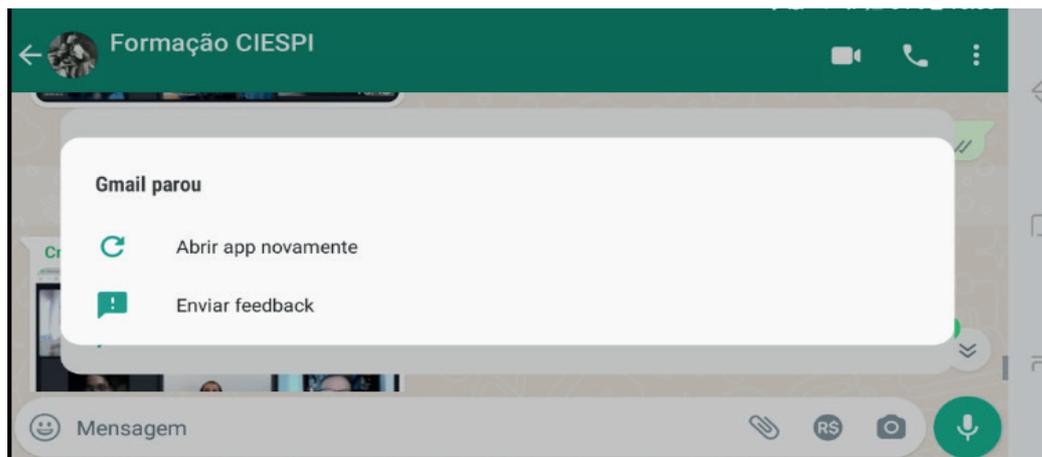
O primeiro encontro de formação aconteceu no dia 18 de outubro de 2021, ainda em meio às incertezas da pandemia provocada pelo Covid-19. Nesse contexto, o Google Meet foi escolhido para a realização das conversas, pois essa plataforma consome menos dados de acesso à internet, sendo, portanto, mais acessível.



(Print do grupo feito por Carolina em outubro de 2022)

O Google Meet gerou o desafio inicial de criar, pela tela, vínculos entre os profissionais e os jovens e deles entre si, afinal, essa seria a primeira vez que a equipe do CIESPI faria uma formação voltada para jovens de maneira virtual. Como é possível imaginar, não basta transpor o conteúdo, que outrora fora compartilhado de maneira presencial, para o online. Foi preciso adaptar a metodologia e o conteúdo apresentado para essa realidade. Assim, a formação dos jovens também foi um exercício para a equipe.

É importante também destacar que, na Rocinha, há um histórico problema de queda de energia, impossibilitando o acesso à internet, computadores e celulares. Assim, em algumas ocasiões, havia a ausência de algum jovem por falta de energia ou internet na residência.



(Print da tela do celular que um dos jovens tirou para mostrar que estava com instabilidade no acesso. Abril, 2022)

Como apoio para nossa comunicação, foi criado um grupo no WhatsApp e, para complementar nossas conversas, foi compartilhada uma pasta no *Google Drive*, para armazenar trocas de experiências, fotografias, referências de livros, filmes, textos e para abrigar a produção criada ao longo do processo. O uso do *Google Drive* enquanto repositório das produções autorais dos jovens foi extremamente estimulado, mas o “como” usar, contudo, foi deixado a cargo deles. Ao final da formação, foi interessante notar que cada um transitou por esse espaço de maneira singular. Sobre essa questão, Nicolas destacou: “o legal que eu vi foi a singularidade de cada pasta do drive de cada pessoa daqui. Os mesmos encontros, ideias diferentes”.

Nathercia Lacerda e Cristina Porto, responsáveis pela coordenação dos encontros, se reuniram periodicamente para pensar os caminhos a seguir. O ponto de partida foi provocar a criação de uma nuvem¹ formada com palavras aleatórias, ditas por eles: *Marítimo, Amizade, Yanomami, Homem do saco, Yebá Belô, Naiá, Gelatina, Selva, Mingau, Natureza, Carta, Sociologia, Iogurte, Gato, Saudade, Pilha, Geleira, História, Negrinho do Pastoreio, Saci Pererê, Gafanhoto*. Com elas foram criados textos e poesias que já ensaiavam uma reconexão com as crianças que foram um dia, e suas expectativas. As linguagens escolhidas foram singulares e muito lindas.

Carta aberta ao pequeno eu

*Carta aberta ao pequeno eu, que adorava brincar, porém não sabia muito bem como se enturmar.
Sabia que você não precisa se assustar, pois suas verdadeiras amizades ainda vão chegar? Não precisa se preocupar se sua forma de brincar é diferente das outras crianças, a leitura e a imaginação também são uma ótima companhia e diversão. Com elas, você pode conhecer novas amizades, viajar em grandes tempestades, embarcar em aventuras e conhecer novos lugares e isso tudo, sem sair de casa! Olha que legal, pequeno Nicolau! Então, não tenha medo de ser diferente; sua imaginação e criação vão te acompanhar e te levar para conhecer vários lugares.*

Nicolas Cabral

(Nicolas, 18/10/2022)

Amanda escreveu sobre si mesma:

Amanda

*Amanda, cujos olhos são da cor de amêndoas, e cabelos da cor do pôr sol
Pele amarelada, boca avermelhada,
Amanda está sempre animada.
Quando criança, sempre brincava com suas amiguinhas, de amarelinha.
Adora comer. No seu café da manhã não pode faltar
uma vitamina bem gelada e cremosa de abacate, para seu dia alegrar.
Pão com geleia, iogurte com canela
eram os desejos que tinha, quando seu bebê ainda fazia parte dela.
Em dias frios, já se pode imaginar que
Amanda estará à beira do fogão, preparando um delicioso mingau quentinho.
Amanda é força e resistência, mas seu coração é mole feito uma gelatina.
Vive em um lugar cercado de natureza,
Que até seu gato entra na brincadeira e
às vezes age como se fosse um animal da selva.*

(Amanda, 01/01/2022)

A entrega dos kits aconteceu na Biblioteca Parque da Rocinha, em 5 de novembro de 2021, momento em que os jovens foram recebidos por Carolina Terra e Leandro Castro e se conheceram pessoalmente.



(Entrega dos kits. Novembro, 2021)

De que infância(s) e crianças estamos falando?

Diferentes concepções de infância coexistem no espaço e no tempo e carregam consigo valorações socialmente construídas. Logo no segundo encontro, foi destacada a importância de prestar atenção para a escolha de palavras que descrevem a criança e as infâncias. Uma das mais fortes e tradicionais é a criança chamada de anjo, como se fosse divina, tratada como página em branco, que não sabe de nada, ingênua... A concepção que foi usada como ponto de partida para debater essa questão ao longo do curso vai na contramão dessa visão. A definição utilizada foi a de Kramer e Motta (2010):

Pessoa de pouca idade, que produz cultura, é nela produzida, brinca, aprende, sente, cria, cresce e se modifica, ao longo do processo histórico que constitui a vida humana. As crianças são constituídas a partir de sua classe social, etnia, gênero e por diferenças físicas, psicológicas e culturais. Diversas concepções teóricas sobre a criança são encontradas na Filosofia, na Psicologia e na Sociologia. (KRAMER, MOTTA, 2010, p. 1).

Ao mesmo tempo, foi mencionada a importância de escutar a visão que as pessoas trazem sobre a criança no sentido de aprender a apresentar outras formas de perceber esse ser humano “de pequena idade”. Nessa concepção, a criança está se constituindo sim, mas exerce sua singularidade no mundo e também ensina os adultos novos pontos de vista para o já conhecido. Essa relação é uma via de mão dupla e é muito importante aprender a olhar a criança a partir de suas perspectivas, inclusive sua perspectiva espacial. Ela vê o mundo a partir do seu tamanho e isso pode revelar detalhes que se tornaram invisíveis aos que cresceram.

Anotações

Sonia Kramer (1999, p. 249) sintetiza a relação que Benjamin faz entre infância e história, para ele, “se o homem é um ser histórico é só porque existe uma infância do homem, é porque ele deve se apropriar da linguagem”. VEJA MAIS EM: KRAMER, Sonia. Infância, memória e saber – considerações à luz da obra de Walter Benjamin. A Criança e o Saber, Rio de Janeiro, v. 1, p. 245-249, 1999)

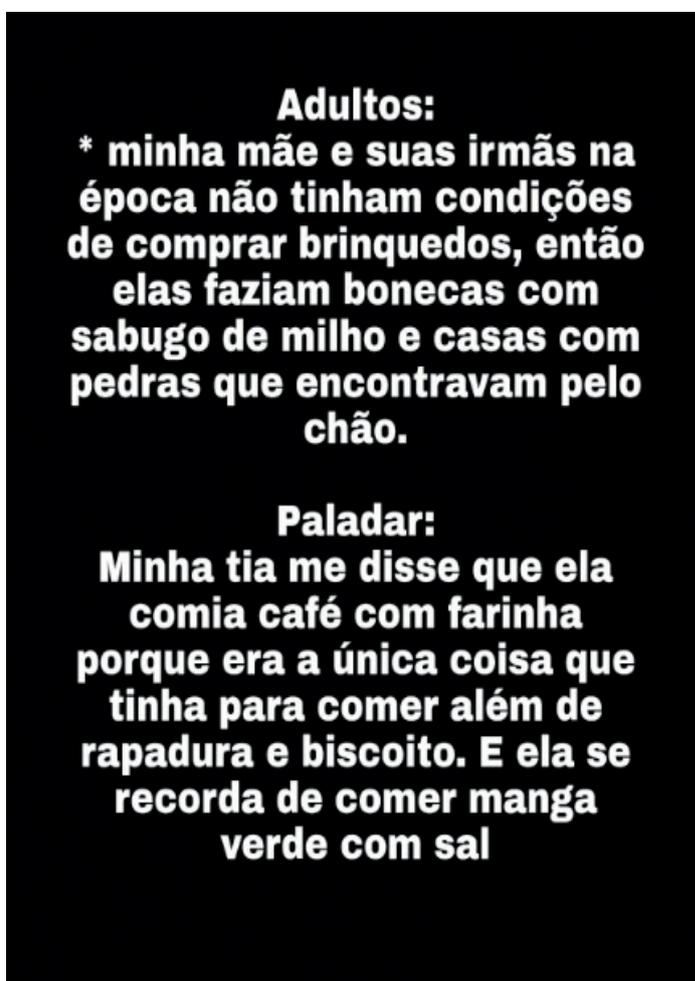
Para Hannah Arendt (1989, p. 531), cada novo nascimento garante um começo: “todo fim na história constitui necessariamente um novo começo, esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. VEJA MAIS EM: ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Os filósofos Walter Benjamin e Hannah Arendt foram mencionados por ajudarem a compreender a criança como capaz de desafiar os adultos a pensar o mundo, ao serem provocados a narrar acontecimentos que os antecederam e que não foram vividos por ela. Assim, a criança, com um olhar inaugural, é fundamental para a atualização e transmissão da cultura preexistente. O adulto, mergulhado em seus compromissos, vai se esquecendo dessa forma de olhar - que vai além do enxergar e está ligado ao sentir, tatear, refletir e questionar.

Em decorrência desse incentivo de olhar para a criança a partir de um mergulho em suas próprias infâncias e da observação do seu entorno com mais cuidado, buscando desenvolver um olhar dançarino ou caleidoscópico para as maneiras de ser criança na Rocinha, novas questões começaram a aparecer. Conversaram com pessoas da família, para saber se havia muita diferença entre as infâncias delas, deles mesmos e das crianças de hoje, com o desafio de pensar o que não deve ser perdido com o tempo e o que precisa ser reconhecido e valorizado no presente.

Algumas perguntas norteadoras foram traçadas para estimular o início da pesquisa e para disparar outros conteúdos a serem apresentados e discutidos: Como foram suas próprias infâncias? E a dos adultos com os quais convivem: pais, mães, avós, tias, etc?

Nesse sentido, eles foram convidados, sobretudo, a se voltarem para as brincadeiras para compreenderem melhor o que as crianças percebem do mundo, exercitando um olhar ao mesmo tempo curioso e crítico. Elaine começou a postar no Google Drive algumas de suas descobertas:



(Imagem e texto criados por Elaine. Novembro, 2021)

Ao narrarem os diálogos que tiveram com adultos próximos, eles encontraram pontos em comum. Amanda perguntou para sua avó do que brincava quando era criança:

Ela me disse que na época em que ela era mais nova, não tinha dinheiro para comprar brinquedos, então, ela com seus irmãos, primos e vizinhos, brincavam com boneca de espiga de milho, de panelinha de barro e utilizavam tampa de garrafa para fazer pratinhos para as bonecas. Brincavam de ciranda, de cavalo de pau (com o cabo de vassoura) e eram muito felizes. Ela disse que hoje em dia as crianças não brincam como antes.

Nicolas conversou com a mãe, Juliana Gonçalves da Silva e ela disse que:

Quando pequena adorava brincar de boneca, porém não tinha uma condição boa para comprá-las. Então, usava sua criação para confeccionar lindas bonecas de papelão, pano e de milho. Além disso, amava brincar de amarelinha, pular corda e outras brincadeiras conhecidas por pique (pique-pega, pique-esconde e pique-ajuda). Quando criança, minha mãe amava comer balas e biscoitos que, onde ela morava (Ceará), se chamavam Chilitus.

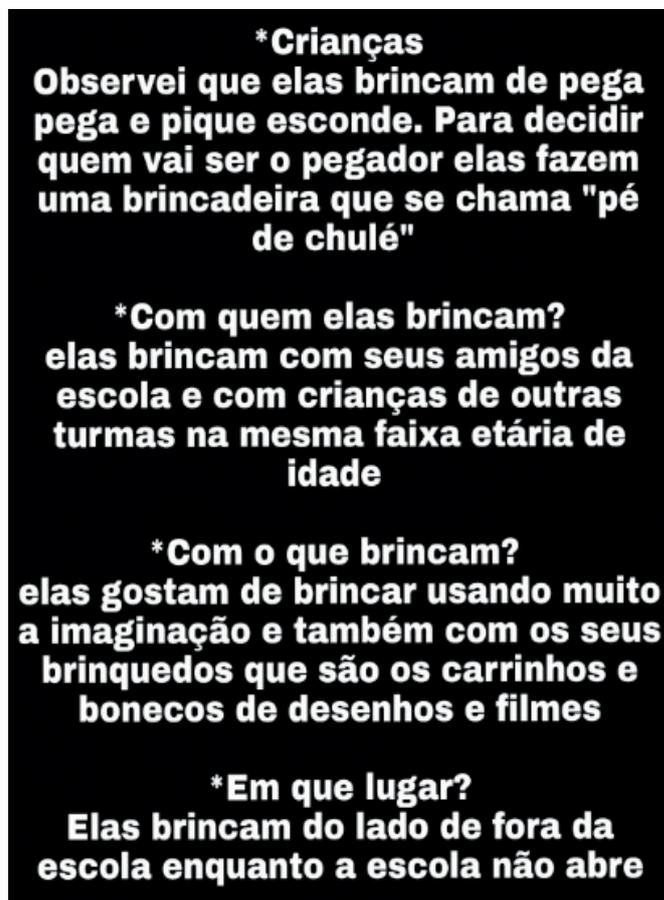
Com dimensão de cidade, a Rocinha apresenta uma vasta diversidade de realidades em seu território, dentro dessa realidade, outras questões foram levantadas: Como as crianças pequenas vivem seus cotidianos? Como vivem? Do que brincam? Como vivenciam suas infâncias? Em que se assemelham e em que se diferenciam? Como interagem com os espaços? Com quem convivem? O que desperta sua atenção?

Em 30 de outubro de 2021, Gabriel com seu olhar mais aguçado contou:

No projeto em que dou aula, deixei as crianças à vontade para brincar o que elas quisessem, quando uma delas veio até mim e pediu para brincar de amarelinha. Foi então que falei “então vamos”... foi muito divertido, pois eu também pude participar e voltar à minha infância junto com essa criança chamada João Miguel, de 5 anos. E outras crianças brincaram de pique pega, alerta cor...

Mas há um detalhe que faz toda a diferença. O tapete de amarelinha estava guardado no alto e Gabriel, ao acompanhar o olhar do menino, parou de fazer seus registros e entrou na brincadeira.

Elaine, que costuma levar o irmão mais novo para a escola, fez outra postagem:



(Imagem e texto criados por Elaine. 18 de novembro de 2021)

Sophia, mais timidamente, também registrou suas primeiras reflexões a partir de um poema autoral:

*Como?
O que comem no café e como gostam?
Qual sua fruta preferida?
Diga o que quer ser quando crescer?
Empresário? Cachorro? Gato? Papagaio?
Ou um dinossauro?
Quais brincadeiras gosta mais?
Tens palavras para descrever felicidade?
Gostam de verão ou inverno?
Crianças, crianças
No que pensam? Como fazem?*

(Sophia, 23 de janeiro de 2022)

Outra tarefa que despertou interesse foi a de fazerem uma breve pesquisa sobre os países envolvidos no projeto. Yasmin, por conta das leis relacionadas ao casamento e direito à adoção de filhos, por pessoas do mesmo sexo, existentes desde 2009 e leis que punem a discriminação baseada em gênero e sexualidade, em vigor desde 2010, concluiu que: “Sem dúvida, a Escócia é um verdadeiro exemplo pro mundo no que diz respeito à igualdade e respeito pelo próximo”.

Educação e arte

Com base na concepção de que a arte é constituinte da educação, todos os encontros contaram com vídeos, histórias narradas, músicas, brinquedos ou obras de arte, entre outras referências para proporcionar interações, ativar a subjetividade e favorecer outros modos de expressão.

O tema da alimentação das crianças gerou muitos questionamentos e permeou os primeiros encontros. O conto popular “A menina enterrada viva” foi relatado por Nathercia como uma vivência de infância muito potente. O que a impressionava e encantava a um só tempo era o fato da menina, mesmo enterrada entre raízes de uma figueira, ter permanecido viva e de seu cabelo ter crescido com vigor, misturando-se ao capim. Ao mesmo tempo, sua voz havia mantido a clareza a ponto de ser ouvida pelo capineiro que a salvou do “cativeiro”. A resistência em luta pela sobrevivência e a sensibilidade da escuta de um outro, que vem ao encontro, em socorro, foram temas abordados com o grupo.

Interessante que, concretamente, uma goiabeira passou a fazer parte da história do grupo e do processo de formação. De alimento, sombra e lugar de brincar à sua queda após uma forte chuva, o espaço “vago” recebeu uma pequena piscina, como uma forma de manter ativo esse espaço de encontros criancieiros. Mais adiante, surgiu uma muda de goiabeira... Mas essa é uma outra história que será contada nesse texto daqui a alguns parágrafos.

Outras duas versões foram escolhidas para revelar a riqueza dessa história que têm origem na oralidade e que se espalhou pelo mundo: uma de Câmara Cascudo e outra encontrada no YouTube, contada por Nana Vianna ([▶](#)).

O conto “As cocadas”, de Cora Coralina, também foi apresentado e a dificuldade das crianças serem compreendidas em seus desejos foi discutida.

A menina enterrada viva - Luís da Câmara Cascudo

Era um dia um viúvo que tinha uma filha muito boa e bonita. Vizinha ao viúvo residia uma viúva, com outra filha, feia e má. A viúva vivia agradando a menina, dando presentes e bolos de mel. A menina ia simpaticando com a viúva, embora não se esquecesse de sua defunta mãe que a acariciava e penteava carinhosamente. A viúva tanto adulou, tanto adulou a menina que esta acabou pedindo que seu pai casasse com ela.

– Case com ela, papai. Ela é muito boa e me dá mel!

– Agora ela lhe dá mel, minha filha, amanhã lhe dará fel! – respondia o viúvo.

A menina insistiu e o pai, para satisfazê-la, casou com a vizinha. Obrigado por seus negócios, o homem viajava muito e a madrasta aproveitou essas ausências para mostrar o que era. Ficou arrebatada, muito bruta e malvada, tratando a menina como se fosse a um cachorro. Dava muito pouco de comer e a fazia dormir no chão em cima de uma esteira velha. Depois mandou que a menina se encarregasse dos trabalhos mais pesados da casa. Quando não havia coisa alguma que fazer, a madrasta não deixava a menina brincar. Mandava que fosse vigiar um pé de figos que estava carregadinho, para os passarinhos não bicarem as frutas.

A pobre da menina passava horas e horas guardando os figos e gritando – chô! passarinho! quando algum voava por perto. Uma tarde estava tão cansada que adormeceu e quando acordou os passarinhos tinham picado todos os figos. A madrasta veio ver e ficou doida de raiva. Achou que aquilo era um crime e no ímpeto do gênio matou a menina e enterrou-a no fundo do quintal. Quando o pai voltou da viagem a madrasta disse que a menina fugira de casa e andava pelo mundo, sem juízo. O pai ficou muito triste.

Em cima da sepultura da órfã nasceu um capinzal bonito. O dono da casa mandou que o empregado fosse cortar o capim. O capineiro foi pela manhã e quando começou a cortar o capim, saiu uma voz do chão, cantando:

Capineiro de meu pai!

Não me cortes os cabelos...

Minha mãe me penteou,

Minha madrasta me enterrou,

Pelo figo da figueira

Que o passarinho picou...

Chô! passarinho!

O capineiro deu uma carreira, assombrado, e foi contar o que ouvira. O pai veio logo e ouviu as vozes cantando aquela cantiga tocante. Cavou a terra e encontrou uma laje. Por baixo estava vivinha, a menina. O pai chorando de alegria abraçou-a e levou-a para casa. Quando a madrasta avistou de longe a enteada, saiu pela porta afora, e nunca mais deu notícias se era viva ou morta.

O pai ficou vivendo muito bem com sua filhinha.

(Power point apresentado em formação. CASCUDO, Luís da Câmara. Contos Tradicionais do Brasil. 12 ed. São Paulo: Global, 2003).

As cocadas - Cora Coralina

Eu devia ter nesse tempo dez anos. Era menina prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo. Tinha ajudado a fazer aquela cocada. Tinha areado o tacho de cobre e ralado o coco. Acompanhei rente à fonalha todo o serviço, desde a escumação da calda até a apuração do ponto. Vi quando foi batida e estendida na tábua, vi quando foi cortada em losangos. Saiu uma cocada morena, de ponto brando atravessada de paus de canela cheirosa. O coco era gordo, carnudo e leitoso, o doce ficou excelente. Minha prima me deu duas cocadas e guardou tudo mais numa terrina grande, funda e de tampa pesada. Botou no alto da prateleira. Duas cocadas só... Eu esperava quatro e comeria de uma assentada oito, dez, mesmo. Dias seguidos namorei aquela terrina, inacessível. De noite, sonhava com as cocadas. De dia as cocadas dançavam pequenas piruetas na minha frente. Sempre eu estava por ali perto, ajudando nas quitandas, esperando, aguando e de olho na terrina. Batia os ovos, segurava gamela, untava as formas, arrumava nas assadeiras, entregava na boca do forno e socava cascas no pesado almofariz de bronze. Estávamos nessa lida e minha prima precisou de uma vasilha para bater um pão-de-ló. Tudo ocupado. Entrou na copa e desceu a terrina, botou em cima da mesa, deslemburada do seu conteúdo. Levantou a tampa e só fez: Hiiii... Apanhou um papel pardo sujo, estendeu no chão, no canto da varanda e despejou de uma vez a terrina. As cocadas moreninhas, de ponto brando, atravessadas aqui e ali de paus de canela e feitas de coco leitoso e carnudo guardadas ainda mornas e esquecidas, tinham se recoberto de uma penugem cinzenta, macia e aveludada de bolor. Aí minha prima chamou o cachorro: Trovador... Trovador... e veio o Trovador, um perdigueiro de meu tio, lerdo, preguiçoso, nutrido, abanando a cauda. Farejou os doces sem interesse e passou a lamber, assim de lado, com o maior pouco caso. Eu olhando com uma vontade louca de avançar nas cocadas. Até hoje, quando me lembro disso, sinto dentro de mim uma revolta – má e dolorida - de não ter enfrentado decidida, resoluta, malcriada e cínica, aqueles adultos negligentes e partilhado das cocadas bolorentas com o cachorro.

(Power point apreentando em formação. CORALINA, Cora. O tesouro da casa da velha. São Paulo: Global, 2014)

Algumas receitas curiosas, de bolos de terra com cobertura de flores, do livro “Cozinhando no quintal” de Renata Meirelles, foram apreciadas.

O poema de Eduardo Galeano² arrematou uma das tardes:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Crianças de outros lugares, como as africanas ou latino-americanas, brincando e dançando em grupo, foram lembradas. O vídeo Jambolê (▶) foi um dos escolhidos para embalar a todos.

Como disparador de uma reflexão sobre diferentes interpretações possíveis de uma situação, a depender do ponto de vista assumido, a propaganda do jornal The Guardian (▶), de 1986, foi muito acertada. Ao se darem conta do que o homem que corre e parece que vai agredir um senhor, na verdade, quer salvá-lo, a primeira interpretação foi revista e discutida.

E, à medida que a formação avançava, a noção de cultura lúdica, como definida por Gilles Brougère, foi ficando mais clara. Para esse autor,

a criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê, [...], que constitui sua cultura lúdica. Essa experiência é adquirida pela participação em jogos com os companheiros, pela observação de outras crianças (podemos ver no recreio os pequenos olhando os mais velhos antes de se lançarem por sua vez na mesma brincadeira), pela manipulação cada vez maior de objetos de jogo. (BROUGÈRE, 1998, p. 110).

O brincar foi, portanto, reconhecido como resultado de muitas relações e referências. O papel plural dos adultos e das crianças mais velhas na sua ampliação ficou mais evidente com os vídeos “As aventuras do menino e sua caixa de papelão” (▶) e no que mostra a ideia que um homem teve para enriquecer a brincadeira espontânea de um menino e sua bicicleta (▶).

Para que os jovens conhecessem brinquedos criados em projetos anteriores do CIESPI/PUC-Rio, como o Rocinha Brincante, dois vídeos (▶ e ▶) deles em uso serviram de inspiração e ideias de brinquedos artesanais e de fácil confecção foram dadas, como Barangandão (brinquedo de papel, ▶); Mané gostoso (brinquedo de madeira, ▶); Corrupto de Tampinha (▶) e Galinha Choca de lata (▶).

Outro convidado para as conversas foi o pintor Cândido Portinari e suas obras voltadas para o universo infantil.



(Power point apresentando em formação)

Gravações especiais de algumas músicas foram companheiras mais uma vez como “Saiba” de Arnaldo Antunes cantada por Adriana Partimpim (▶) e “What a Wonderful World”, interpretada lindamente pelo projeto Playing for Change (▶).

A inclusão de crianças com deficiência no contexto escolar é um dos temas desenvolvidos no projeto. A sensibilização foi feita a partir do vídeo Cuerdas (▶), que trata da amizade entre duas crianças na escola. E o reconhecimento do olhar da criança pequena para as pessoas, para a cidade e para a natureza ficou claro com os vídeos Caminhando com Tim Tim (▶) e Olívia Olhos Gulosos (▶).

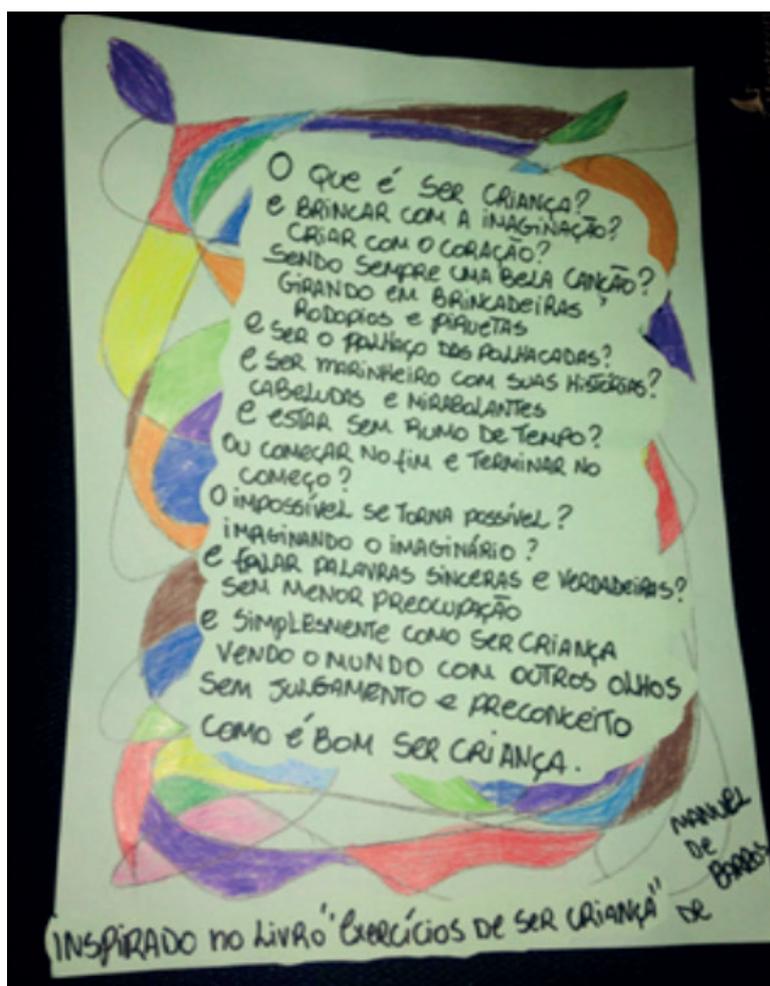
Obras de Cândido Portinari

- Roda Infantil, 1932.
- Futebol, 1935.
- Menino com Pião, 1947.
- Meninos Soltando Pipas, 1947.
- Menino com Estilingue, 1947.
- Meninos Brincando, 1955.
- Palhacinhos na Gangorra, 1957.
- Cambalhota, 1958.
- Moleques Pulando Cela, 1958.
- Meninos no Balanço, 1960.

Para sistematizar a diferença entre Ver/Olhar; Ouvir/Escutar, foi feita a leitura do texto “Educando o olhar da Observação: a aprendizagem do olhar” de Madalena Freire³ e apresentado um trecho do documentário “Janela da Alma” de Walter Carvalho, com depoimento de José Saramago (▶). A animação de um dos contos deste escritor português, “A maior flor do mundo” (▶), foi destaque no penúltimo encontro, pois tinha total sintonia com a história da goiabeira. Ops, essa só será conhecida pelo leitor mais à frente.

Diversas leituras

Os jovens também puderam compartilhar suas impressões sobre os livros que receberam, recorrendo a eles, inclusive, para contarem sobre suas inseguranças. Yasmin, depois de ler “Exercícios de ser criança”, de Manoel de Barros, escreveu o poema:



(Yasmin, 30 de janeiro de 2022)

Racismo, preconceito de gênero, morte, medo e respeito às escolhas alimentares foram conteúdos que surgiram com força. A literatura voltada para o público infantil foi apresentada como um canal privilegiado para acolher questões mobilizadoras, que surgem na convivência com as crianças, que a seu modo, sentem e pensam sobre elas, mas nem sempre têm como elaborar ou contar para os adultos que as rodeiam.

O medo foi um tema forte que emergiu. O livro *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque foi lido e *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado (▶) foi lembrado. Essa autora dá seu depoimento sobre a criação da peça e diz que “a melhor maneira de acabar com o medo, é representando o medo”. Os jovens puderam falar sobre seus próprios medos, principalmente dos que sentiram quando pequenos e que não puderam expressar como gostariam ou não foram compreendidos por quem estava ao redor. Yasmim demonstrou alguns desses sentimentos em texto:

Era uma vez uma menina que tinha medo de tudo e mesmo que sua irmã a chamasse para ir em suas aventuras, ela ia, mas com muito medo: medo de encontrar arranha, lagartixa, cobra - era a mais medonha, já que um dia se encontrou com uma e sua irmã fingiu que ia jogar nela, situação em que teve medo e levou um bom tempo. Pelo menos não estava sozinha, tinha sua fiel companheira que a defendia dos medos e com ela foi aprendendo a lutar contra todos eles. Mesmo com muitos medos, o único medo que resta é o medo da dispendida e saber que o adeus é para sempre. Isso atualmente ela está presenciando. Sua cachorrinha, que sempre a acompanhava e era louca por doce, está pra falecer. Pois os anos se passam e não há o que descreva a perda e a solidão que vai estar presente, pois como o ciclo da vida é, já sabemos que em algum momento vai acontecer e nunca estaremos preparados pra isso. Como perder um pedaço de nosso coração, assim todos os medos parecem ser bobos comparados ao de perder alguém.

O enfrentamento ao racismo foi tomado como um desafio a ser enfrentado e, a partir dos livros, dos materiais que estavam nos kits e de outras referências, Nicolas pensou em um jogo que convidasse as crianças a se desenharem e a desenharem as expressões de outros rostos pintados por ele.



(Nicolas, 29 de novembro de 2021)

Da escuta dos participantes e da avaliação de cada encontro, nascia o planejamento seguinte e esse convite para pensarem os conteúdos por meio de diferentes linguagens foram sendo tão apropriado por eles, que seus interesses específicos passaram a ser compartilhados. Sophia, para abordar e propor reflexão sobre a inclusão de crianças com deficiência no contexto escolar, fez uma sinopse da animação japonesa “A Voz do Silêncio: Koe no Katachi” (▶), de Naoko Yamada:

Um filme com uma animação leve e descontraída, por mais que mostre sérios temas. Que diz sobre bullying, ansiedade, depressão, e o ponto que gostaria de mostrar aqui, o bullying na escola primária. O filme diz sobre a vida de Nishimiya, uma menina doce, com deficiência auditiva, que sofre bullying forte na infância, mas mesmo assim, não deixa de ser uma doce menina, com desejos e simplicidade. É um filme em formato de anime japonês, super interessante, também retrata temas fortes como depressão, ansiedade e problemas sociais. O ponto que queria mostrar, é como crianças com problemas auditivos, com problemas de visão ou alguma deficiência mais séria, como existem várias, podem ser incluídas nas escolas e serem tratadas como crianças normais, que é o que elas são? Como os profissionais podem agir da melhor forma em relação a isso, e também como os responsáveis das crianças podem ensinar seus filhos o respeito ao seu colega? O longa é super descontraído por mais que carregue temas sérios e reflexivos da psicologia, infância, e sociedade, tem na Netflix!

Empolgados com o que passaram a ver e compartilhar, ações com crianças menos conhecidas passaram a ser elaboradas.

Processos de observação participativa e de criação

Como apoio a essas atividades, os jovens tiveram a oportunidade de se encontrarem, em 1º de dezembro de 2021, com o Antônio Carlos Firmino, no Adolescento, para conhecer e levar emprestados objetos lúdicos que fazem parte do acervo do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha, ponto de cultura criado e desenvolvido através da parceria entre o CIESPI/PUC-Rio e profissionais e jovens da Rocinha.

Os brinquedos artesanais e versáteis em sua forma e uso, possibilitam a expressão livre e criadora. São um convite à descoberta e à experimentação e foram criados por outros jovens e educadores na convivência com grupos de crianças. Feitos de materiais diversos como panos e bambus, permitem que brincadeiras antigas e novas sejam reinventadas, configurando-se em objetos instigantes e singulares.

Quando todos já estavam mais à vontade no grupo, foram formadas duplas e trios para planejarem intervenções lúdicas. Como resultado dessas trocas, foram criadas caixas misteriosas e sensoriais, poesias, desenhos e pinturas.



(Caixa sensorial criada por Nicolas e Yasmim, foto tirada por Nicolas)

Como Yasmin participa de um projeto institucional com crianças, colocou a ideia em ação, que foi representada assim:



(Yasmim, 4 de dezembro de 2022)

Na volta do recesso de fim de ano e férias, voltamos a nos encontrar no dia 17 de janeiro de 2022 e vimos que eles não ficaram parados nesse período. Isso pode ser visto por uma composição de textos e fotos feita por Yasmim:

Neste encontro de hoje, falamos sobre muitas coisas, mas o que me marcou mesmo foi o assunto sobre memórias de infância. Então selecionei algumas fotos sobre a minha infância. Lembro que tínhamos uma fotógrafa maravilhosa (minha mãe), que sempre tirava o melhor lado das pessoas (a metade delas). Lembro do meu medo, que minha irmã me fez, ao soltar o pássaro da gaiola. Ele veio pra cima de mim e até hoje não gosto de pássaros. Lembro que minha mãe estava dormindo e eu e minha irmã pegamos a maquiagem sem ela saber, mas quando estávamos terminando, meu irmão acordou a minha mãe e vocês devem imaginar o que aconteceu...



(Registros de Yasmim, fotos tiradas por Patrícia, mãe dela)

Referindo-se à imagem em que aparecem várias crianças, ela escreveu:

Pelo que minha mãe falou, eu estava chorando por ela ter me deixado com meus tios mais velhos, já que os mais novos estão na foto junto com minha irmã e seu fiel pinico chamado “janequine”, enquanto minha mãe e avó estavam no mercado.

Sophia, animada com as nuvens de palavras que foram criadas, se arriscou e elaborou um texto usando essa metodologia:

*Um gato estranho, que sempre corria atrás do gafanhoto
Ao pequeno e sentimental olhar do pequeno
Via o rei da selva, miado brincante, pelos suaves e dançantes, patas rosadas e saltitantes
Ao olhar do felino, uma pequena pilha esvoaçante, em rápida velocidade, já estava distante
Belo dia, no farfalhar da natureza
Gato com seu iogurte gafanhoto com seu mingau
Eles se perguntam
“De onde surgiu essa amizade?!!”*

(Postado por Sophia em 5 de janeiro de 2022)

Saudades aplacadas, as atividades coletivas nas instituições parceiras começaram a ser planejadas. Assim que mostraram-se seguros, as visitas, batizadas de de Encontros Brincantes, foram agendadas na Ação Social Padre Anchieta - ASPA e na Escolinha Saci Sabe Tudo.

Encontros brincantes

No dia 17 de fevereiro de 2022, Elaine, Nicolas e Yasmim chegaram cedo na ASPA para acompanhar o café da manhã e, em seguida, promover atividades brincantes com dois grupos. O primeiro era formado por 21 crianças de 2 a 3 anos, enquanto o segundo totalizava 22, na faixa etária de 3 a 4 anos. O objeto lúdico chamado Arco Íris se transformou em um caminho até a caixa misteriosa que continha balões de encher, entre outros objetos.



(Fotos tiradas por Nicolas e Elaine, 17 de fevereiro de 2022)

No dia seguinte, também na ASPA, Elaine, Nicolas e Yasmim foram conhecer a turma do berçário. Essa segunda atividade teve um foco maior na observação e no registro escrito e fotográfico sobre a rotina das crianças na creche.



(Fotos tiradas por Yasmim e Nicolas, 24 de fevereiro de 2022)

Marta Diniz, uma das coordenadoras da ASPA, deu um lindo depoimento sobre esses momentos:

Falei com a Nathercia sobre a emoção que tive com esses meninos, esses jovens, que me fizeram voltar há não sei quantos anos atrás, na época em que nós estávamos fazendo um trabalho com alguns jovens da Rocinha. Senti uma coisa assim, como se eu fosse uma mãe para eles. Quando vi eles, senti aquela vontade louca que eu tenho de brincar. [...] Até porque o meu pique não é o mesmo de alguns anos atrás. E hoje, quando eu vi os meninos, conversei com eles, depois, Meu Deus do Céu, que coisa gostosa saber que a gente está trabalhando para que isso aconteça sempre, que os jovens venham a desempenhar o trabalho lúdico com as crianças. Eu senti uma saudade imensa e muito gostosa de trabalhar com jovens. Hoje, eu sei que não tenho mais esse pique, mas estou na coordenação das educadoras e fiquei muito emocionada!

Entre essas duas idas à ASPA, no dia 22 de fevereiro de 2022, algumas dessas propostas foram levadas por Elaine, Yasmim, Nicolas e Sophia para a Escolinha Saci Sabe Tudo e, através de um circuito de brincadeiras, com vários objetos lúdicos, alegraram também as crianças de lá, um pouco maiores, com 4 e 5 anos.



(Fotos tiradas por Yasmim, Elaine e Sophia, 22 de fevereiro, 2022)

Verônica, a diretora, também fez questão de compartilhar suas impressões:

“Foi uma delícia! As crianças gostaram bastante e a professora da turma achou muito legal. Eu, infelizmente, não acompanhei os jovens na hora da dinâmica... estava conversando com um pai de uma criança [...]. Mas achei a galerinha super cheia de energia e muito empolgada! Está sendo uma alegria poder participar e desfrutar desse projeto!”

Outras surpresas nos aguardavam e deram resultados inesperados...

Da minha janela... uma goiabeira

Amanda recebeu o livro “Da minha janela”, de Otávio Júnior. Ela mora no Laboriaux, uma região que fica localizada na parte alta da Rocinha e é cercada de muito verde. A partir das reflexões provocadas nos encontros para que observasse as crianças que moravam por perto e inspirada pelo livro que recebeu, passou a olhar em volta com mais atenção e, inspirada no livro, fez um desenho do que via da sua janela.



(Foto de Amanda. Dezembro, 2021)

Percebeu, então, que crianças brincavam, subindo em uma goiabeira que ficava em frente à sua casa e fez registros com fotos e vídeos, pois entendeu a importância dessas cenas. Certo dia, caiu uma chuva forte em toda a cidade do Rio de Janeiro e naquelas redondezas fez estragos também. Infelizmente, a árvore veio a baixo. Isso aconteceu um pouco antes das férias de verão, privando as crianças de sua sombra e das brincadeiras que eram inventadas ali.

Em um dos encontros semanais, a ideia de buscar uma parceria local para que outra goiabeira fosse plantada, em uma ação comunitária, reunindo crianças e outros moradores, foi sugerida e prontamente aceita. Mas, enquanto a muda não vinha, é preciso voltar um pouco no tempo...

No início das experimentações, como um ensaio, a dupla formada por Amanda e Sophia havia planejado uma atividade, que foi realizada por Sophia na Escolinha Saci Sabe Tudo. Algumas crianças foram incentivadas a enviar desenhos-cartas, contando o que mais gostavam de fazer. Uma das preferências mencionadas foi o banho de piscina. Amanda escutou e, de algum modo, guardou essa informação dentro de si.

Mais tarde, ela resolveu criar uma alternativa para os dias de calor, que já não contavam mais com a sombra da goiabeira e reuniu a filha Chloe (na ocasião com 1 ano e 7 meses) e algumas crianças da vizinhança para se refrescarem em uma pequena piscina de plástico.



(Fotos de Amanda, janeiro de 2022)

Suas observações também a levaram a mudar a maneira como os livros de Chloe ficam arrumados. Ao invés de colocá-los em caixas, criou estantes baixas que passaram a ser arrumadas de modo a favorecer a autonomia de sua filha na escolha. O mesmo aconteceu em relação a outros materiais.



(Fotos de Amanda, março de 2022)

Pouco tempo depois, em reunião com toda a equipe do CIESPI/PUC-Rio, esses acontecimentos foram relatados. Irene Rizzini (Diretora do CIESPI/PUC-Rio), encantada com a proposta de replantio, resolveu doar uma muda de goiabeira para a comunidade. O tempo passou, até que... A arvorezinha finalmente desceu a serra de Itaipava, onde estava plantada e com a ajuda dos parceiros, Leandro Castro e Everaldo Toledo, subiu a Rocinha em uma moto até chegar à casa da Amanda.

Nesse trajeto, pessoas da comunidade se mostraram curiosas e encantadas com sua cor avermelhada e ficaram tentando adivinhar para onde ela iria. A partir de conversas com o filho da presidente da Associação de Moradores do Laboriaux e alguns vizinhos, ficou decidido que o melhor lugar para recebê-la era próximo à quadra, que vive cheia de crianças.



(Selfie de Amanda, 19 de março de 2022)

Amanda descreveu esse acontecimento em um registro intitulado: “O dia em que demos vida a quem nos dá vida: A história por trás da goiabeira”.

Tudo começou quando me mudei para o Laboriaux. Chloe tinha apenas 2 meses de vida e estávamos no auge da pandemia. Fiquei encantada com vista, foi amor à primeira vista sem dúvidas! Olhava ao meu redor e tudo que encontrava eram árvores e em meio a todas encontrei ela, a goiabeira, cheia de vida, esperança e sonhos. Todos os dias desde a minha janela ouvia o som de risadas vindo dela e ao observá-la pude notar que ali era um ponto onde as crianças se reuniam para brincar. Quando dava frutos, atraía os miquinhos que se nutriam de suculentas goiabas. Seus frutos também eram empreendimento para os pequenos, pois subiam até o topo para coletá-las e vendê-las. O tempo foi passando e a goiabeira foi ficando cada vez maior, e pouco a pouco outras crianças vinham ao seu encontro, foi quando conheci o Ciesp. Dentro do material que me foi enviado veio um livro chamado “Da minha janela”, então decidi desenhar o que era possível ver desde a minha janela. Alguns dias depois, uma tempestade derrubou a goiabeira e com ela se foi um lugar cheio de histórias. Em um de nossos encontros foi mencionado a possibilidade de conseguir uma nova goiabeira e confesso que fiquei muito feliz, pois sabia a importância que tinha para as crianças. Até que finalmente foi concretizado que chegaria a nova planta, então começamos a buscar onde a plantaremos, quem poderia nos ajudar, um montão de questões que foram solucionadas com sucesso. E o grande

dia chegou, junto com as crianças que mais tinham contato, plantamos a nova goiabeira em seu novo lar. Nossa equipe estava formada por: Arthur, Samuel, Jessica, Caio, Kaique, Levi, Chloe e Oliver. Cada um teve seu papel importante. Nós a plantamos em um local que tem outras árvores frutíferas e de fácil acesso a todos. Por fim, gostaria de agradecer ao CIESPI/PUC-Rio por essa rica experiência, que ficará marcada em minha memória: o dia em que demos vida a quem nos dá vida.



(Fotos tiradas por Amanda, 19 de março de 2022)

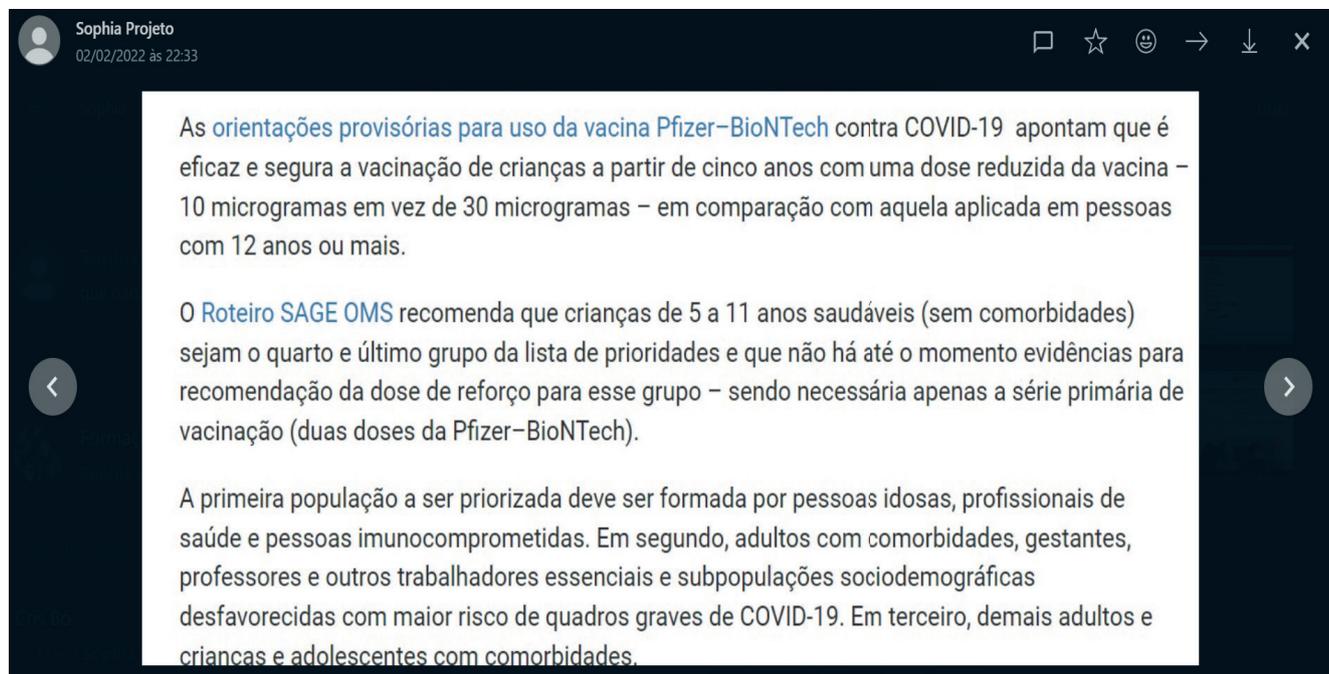
Essa goiabeira ainda vai abrigar muitas outras histórias e brincadeiras...

Campanha de vacinação

Paralelamente, outras ações foram sendo desenvolvidas no sentido de valorizar a vida das crianças pequenas da Rocinha. Ainda vivendo em um contexto pandêmico, um cenário melhor começou a se desenhar desde que as vacinas foram criadas e passaram a ser aplicadas por faixa etária, começando pelas pessoas mais velhas. Os números de internação por Covid-19 estão diminuindo, assim como os casos mais graves⁴. No entanto, para que o retorno às atividades presenciais pudesse acontecer sem tantas restrições e apreensões, além de ser um direito previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a cobertura vacinal precisava ser cada vez maior.

Com a inclusão das crianças com idade entre cinco e onze anos na campanha de vacinação contra Covid-19, as perspectivas se mostraram cada vez melhores, porém, a falta de investimentos federais em campanhas e a circulação de informações falsas⁵ geraram insegurança e baixa adesão. Constatou-se, então, a necessidade de esclarecer e incentivar a população a confiar na vacina e com ela proteger não apenas seus próprios filhos, mas todas as crianças.

O CIESPI/PUC-Rio decidiu entrar no movimento para disseminar a importância da vacinação na Rocinha. Os jovens fizeram pesquisas e deram sugestões para a criação do mote da campanha e sua divulgação em redes sociais.



(Sophia mostrando um dos resultados que encontrou com sua pesquisa. Fevereiro de 2022)

Yasmim chegou a criar uma paródia da música bastante popular de Gloria Groove:

*Responsáveis adultos
 A vacinação, esses dias, vai acontecer
 A gente vai tomar, sem drama e sem perigo
 E nessa vacinação, quem vai vacinar sou eu
 Venha ver a vacinação acontecer
 E venha ver a proteção que eu não vou perder
 Não vai doer nada, vem ver a vacinação em massa
 Hoje tem crianças a ser vacinadas
 Extra, extra! não fique de fora dessa
 Vacine as crianças para não dar brecha
 Extra, extra! Logo, logo! A doença tem pressa
 Melhor tomar do que pegar e ter sequela
 Na, na
 Na, na-na, na
 Na, na-na, na
 Na, na, na
 Na, na-na, na-na, na
 Na, na-na, na
 Na, na-na, na
 Na, na, na
 Na, na-na, na-na, na
 Então pode tomar ra, tá, tá, tá
 A doença pode tentar, mas não vai me derrubar
 Vírus nenhum, dum, dum, dum, dum
 Com poder da vacina, derrubarei um por um
 As Fake News estão aí pra te confundir*

Depois de várias consultas aos outros parceiros, o CIESPI/PUC-Rio contratou um carro de som, megafone e produziu folhetos, que foram distribuídos pelas ruas⁶.

Desdobramentos

O projeto foi chegando ao fim e, no total, mais de 200 crianças de 1 a 5 anos da Rocinha foram diretamente beneficiadas pelas atividades realizadas entre outubro de 2021 e março de 2022.

A avaliação da equipe do CIESPI/PUC-Rio sobre a potência dos livros de literatura infantil levou à decisão de oferecer cerca de mais 450 exemplares às escolas e famílias parceiras do projeto na Rocinha para que possam conhecer e explorar esse acervo entre si e, sobretudo, com as crianças.

Para que os livros fossem organizados para serem entregues, houve um encontro presencial no CIESPI/PUC-Rio, em 23 de março de 2022, recheado de alegria e curiosidade, descrito por Amanda:

Esse encontro foi muito importante, pois me fez ver coisas, que talvez nunca pudesse ter visto através da tela do computador/celular. Logo de cara, quando entrei no prédio da PUC (no campus Matteo Ricci, na Estrada da Gávea), encontrei a Nathércia e a Elaine, que tiveram um choque, pois imaginavam que eu fosse um pouco mais alta (risos). Elaine me apresentou o lugar e fiquei completamente apaixonada. Entramos na sala onde teriam sido nossos encontros e foi como se já tivesse entrado naquele lugar. Parecia ter passado um flashback na minha cabeça. Um lugar cheio de energia e boas vibrações. Conhecê-los, presencialmente, foi de suma importância. Espero poder visitar esse lugar mais vezes.

Nesse dia, os jovens também gravaram um vídeo (▶) para a plataforma TikTok, divulgando e compartilhando os livros que seriam distribuídos.



(Foto acervo dos jovens, 23 de março de 2022)

No dia 28 de março de 2022, a dupla Elaine e Yasmim foi à ASPA, contou histórias e disponibilizou os livros para que as crianças os explorassem com liberdade.



(Fotos tiradas por Yasmim e Elaine, 28 de março de 2022)

A coordenadora Maristela Gomes dos Santos e algumas educadoras que participaram do encontro valorizaram o trabalho dos jovens e destacaram os livros “Amora” e “Crespo é de rainha” como livros potentes para a formação das crianças.

Como conta Amanda, no dia seguinte, 29 de março, foi a vez da “Escolinha Saci Sabe Tudo”:

Ao chegar, fomos recepcionados pela diretora que foi muito gentil. Depois, subimos para a sala onde realizamos a primeira atividade. Eram crianças de aproximadamente 6 anos, eu me apresentei e li o livro Amoras. As crianças adoraram os desenhos, as frases e eu pude ver que ficaram bastante impactadas, pois é um livro que fala sobre aceitação e representatividade. No meio das crianças, havia um menino que tinha o cabelo do Emicida, igual ao ilustrado no livro, e senti que ele ficou muito feliz com isso. Logo, Nicolas leu o livro Da Minha Janela e dessa vez pude observar que até as professoras ficaram maravilhadas com as ilustrações e representatividade. Ao terminar, colocamos os livros no chão, no centro da sala, para que todos tivessem acesso e assim pudemos fazer muitos registros.

Além das crianças, a diretora convidou duas mães para acompanharem o grupo. Uma delas era educadora e interagiu com os jovens, elogiando a proposta e dando algumas dicas, como por exemplo, busca contar as histórias sentados, para ficar mais próximos das crianças.



(Fotos tiradas por Yasmim. 29 de março de 2022)

Prazeres compartilhados, vamos chegando ao fim...



(Print tirado em 4 de abril 2022)

Fizemos um encontro que não estava planejado, para que os jovens contassem como foi a ida na Escolinha Saci Sabe Tudo e mais uma vez compartilhamos experiências e nos despedimos.

Recomeços

Na quinta-feira, dia 31 de março de 2022, tivemos uma linda surpresa! Nasceu Maria Evelyn, filha do Gabriel. Nesse momento, em que encerramos uma etapa do projeto, isso é muito simbólico e ficamos com o fruto a caminho da árvore plantada e o fruto recém nascido do jovem parceiro.

Sínteses

Outra nuvem de palavras foi formada, através do *Mentimeter*⁷, para que os jovens expressassem o significado dessa experiência. Como no primeiro dia, disseram aleatoriamente: *caixa de surpresas, diversão, inimaginável, alegria nas pequenas coisas, afeto, imaginação, surpresa, espetáculo, acolhimento, fofura, conhecimento e encontros*.

Essas emoções podem ser apreendidas pelas fotografias tiradas. Dentre tantos registros feitos pelos jovens, mostrando os espaços educativos, as crianças se alimentando, suas produções pelas paredes, suas interações espontâneas, as reações às atividades lúdicas propostas e brincadeiras realizadas nos entornos de suas moradias, três se destacaram. Duas mostram o olhar conquistado pelos jovens para as trocas que se dão a partir de encontros atravessados por liberdade, bons livros e curiosidade:



(Fotos tiradas por Amanda, 29 de março de 2022)

A terceira eterniza um gesto de encontro entre uma criança e um jovem. Por ser bela, em seu sentido de unidade e integração, foi elencada pela equipe como síntese dos objetivos e do sentido mais amplo de todas essas ações aqui apresentadas.

Foto-síntese

“Processo de transformação de energia na biosfera, fundamental para a vida na Terra



(Foto tirada por Nicolas, 24 de fevereiro de 2022)

Notas

¹ A nuvem de palavras foi criada no Jam Board, quadro interativo que pode ser utilizado no Google Meet.

² GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. L & PM, 2008.

³ FREIRE, Madalena. Educador, educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008. pp. 45-46.

⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/01/28/sus-com-vacina-mortalidade-de-pacientes-covid-cai-37-pos-pico-da-2-onda.htm>

⁵ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/cidades,desinformacao-e-estoque-baixo-travam-vacinacao-de-criancas-contr-a-covid-19,1224512>

⁶ Para mais informações sobre a campanha de vacinação realizada pelo CIESPI/PUC-Rio em parceria com os jovens e entidades locais da Rocinha, acesse: <http://www.ciespi.org.br/Noticias/CIESPI-realiza-mais-uma-acao-de-conscientizacao-sobre-a-importancia-da-vacinacao-de-criancas-na-Rocinha-9634.html>.

⁷ Site usado para criar apresentações com respostas em tempo real.



AS AUTORAS

CRISTINA LACLETTE PORTO – DOUTORA EM PSICOLOGIA; MESTRE EM EDUCAÇÃO E GRADUADA EM HISTÓRIA PELA PUC-RIO. É PESQUISADORA DO CIESPI/PUC-RIO. PROFESSORA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS DE TRABALHO EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS DA PUC-RIO E PROFESSORA DO CURSO NORMAL SUPERIOR DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER (ISEPS).

CAROLINA TERRA - GRADUADA E MESTRE EM SERVIÇO SOCIAL PELA PUC-RIO. É PESQUISADORA DO CIESPI/PUC-RIO.

NATHERCIA LACERDA - GRADUADA EM PSICOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ). COM ESPECIALIZAÇÃO EM ARTE-EDUCAÇÃO PELO ATELIER DE ARTES PLÁSTICAS HÉLIO RODRIGUES.



THE UNIVERSITY
of EDINBURGH



Economic
and Social
Research Council

